

**RESENHA DO ARTIGO “O TRABALHO E A ALIENAÇÃO NA FILOSOFIA DE KARL MARX”<sup>1</sup>**

*REVIEW OF THE ARTICLE “WORK AND ALIENATION IN THE PHILOSOPHY OF KARL MARX”*

**Daniel Silva de Araújo<sup>2</sup>**

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1834905311652688>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1152-1242>

Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires, GO, Brasil

E-mail: [daniel\\_araujo82@hotmail.com](mailto:daniel_araujo82@hotmail.com)

**Aurilene Alves de Macedo<sup>3</sup>**

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8488349573885868>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4721122X>

Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires, GO, Brasil

E-mail: [aurilene9@hotmail.com](mailto:aurilene9@hotmail.com)

**Alexandre de Araújo Sousa<sup>4</sup>**

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2189-6590>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9515828232338322>

Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires, GO, Brasil

E-mail: [alexandre.sabia@hotmail.com](mailto:alexandre.sabia@hotmail.com)

**Alexandra Leandro Correia Alves<sup>5</sup>**

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6591320720710218>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9642-3790>

Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires, GO, Brasil

E-mail: [alexandraa.alves03@gmail.com](mailto:alexandraa.alves03@gmail.com)

---

<sup>1</sup> A presente resenha foi realizada através da obra publicada: PACHECO, Soraia Coelho. O Trabalho e a Alienação na Filosofia de Karl Marx. **Souza EAD Revista Acadêmica Digital**. Vol. n.1 Págs. 85-106, 2018. A revisão linguística foi feita pelo professor Jonas Rodrigo Gonçalves.

<sup>2</sup> Bacharelado em Direito, graduado em Tecnólogo em Gestão de Recursos Humanos, pós-graduado em Saúde Pública Com Ênfase na Saúde da Família.

<sup>3</sup> Bacharelado em Direito, Aurilene Alves de Macedo,

<sup>4</sup> Bacharelado em Direito Alexandre de Araújo Sousa.

Bacharelado em Direito Alexandra Leandro Correia Alves.

**Resenha da obra:**

PACHECO, Soraia Coelho. O Trabalho e a Alienação na Filosofia de Karl Marx. **Souza EAD Revista Acadêmica Digital**. Vol.1, p. 85-106, 2018.

**Resumo**

Esta é uma resenha do artigo intitulado, O Trabalho e a Alienação na Filosofia de Karl Marx. Este artigo é de autoria de Soraia Coelho Pacheco. O artigo aqui resenhado foi publicado no periódico Souza EAD Revista Acadêmica Digital. Vol. n.1, p. 85-106, 2018.

**Palavras-chave:** Trabalho. Capitalismo. Produção. Mais-Valia. Alienação.

**Abstract**

*This is a review of the article entitled, Work and Alienation in Philosophy by Karl Marx. This article is by: Soraia Coelho Pacheco. Graduated in LETTERS, by UNIDERP/ANHANGUERA. Graduated in Degree in Philosophy by the Higher Education Center of Caxias-CESC/UEMA.*

**Keywords:** *Work. Capitalism. Production. Surplus Value. Alienation.*

**Resenha**

Esta é uma resenha do artigo intitulado “O Trabalho e a Alienação na Filosofia de Karl Marx”. Este artigo é de autoria de Soraia Coelho Pacheco. O artigo aqui resenhado foi publicado no periódico Souza EAD Revista Acadêmica Digital. Vol.1, p. 85-106, 2018.

Soraia Coelho Pacheco, de maneira essencial, diz que, o labor contemporâneo é enxergado como prática do desenvolvimento das múltiplas habilidades humanas através de sua capacidade criadora. Devido à capacidade de inovação, acontece a transformação do mundo pelo homem. O capítulo recomendado o trabalho e a alienação, processo este que o indivíduo está imerso durante a história da sociedade, na percepção marxista é expressiva, pois são debates intermináveis no entendimento das relações de produção e consumo.

Pacheco, de forma extraordinária, afirma que Sérgio Lessa observa que determinantes filosóficos e científicos da concepção do indivíduo enquanto ser social, do “mundo dos homens”, ocorrem por meio do trabalho. Já a obra literária marxista, traz consigo a declaração: “o processo de trabalho e processo de valorização”. Caso o proletário, ao modificar a natureza, “trabalha”, cumprindo o papel social de fabricar valores de utensílios, que é a “substância material da riqueza, não importa o formato social dela” (MARX, 2001, p.58).

A autora, com clareza, aduz que, o filósofo Sergio Lessa assegura que somente o trabalho manual é acatado como trabalho. “Somente é próspero o

obreiro que produz mais-valia para o capitalista ou serve à autovalorização do capital” (MARX, 1984, p. 105). A obra proposta coopera para apreciação crítica em relação à visão marxista, partindo do conceito de trabalho e de alienação econômica e social, alienação provocada pelo trabalho no indivíduo.

### **O Trabalho e Alienação**

O texto, com propriedade, esclarece que Karl Marx imagina a sociedade sobre duas óticas, a burguesa e a proletariado, esta com a força de trabalho vendida ao capital em troca de uma remuneração adequada, e aquela possuidora dos meios de produção. A produção depende das relações de trabalhos que são desrespeitadas, dando origem a antigas lutas de classes devido à exploração, à alienação e o não reconhecimento dos capitalistas com os proletários.

O artigo, com eficiência, define que, na visão de Marx, como finalidade Divina as religiões ensinavam uma subordinação das regras de vivência e labor em que todos precisariam aceitar. Revoltado com essa metodologia das religiões, eram feitas duras críticas, pois os mecanismos de fé atrapalhavam as batalhas de revolução dos operários, que aceitavam os míseros salários e precárias condições de trabalho como se fosse do destino.

O manuscrito, de forma prática, esclarece que a classe operária formada pela pequena e média burguesia era a engrenagem que movia a economia com o pagamento de impostos, em contrapartida, os grupos que compunham o primeiro e segundo escalão do Estado é quem usufruíam das regalias dos tributos pagos pelos trabalhadores. Diante disso, em consequência da dominação das classes privilegiadas e a carência de democracia no sistema político surge a Revolução Francesa.

A obra, de maneira relacionada, informa que o surgimento da imagem de trabalho aconteceu na pré-história com atividades peculiares entre homens e mulheres. O trabalho na relação entre homem e natureza é essencial, pois permite ao indivíduo a sua promoção e autonomia social e econômica. Os grupos com moradas fixas surgiram na era Neolítica, em que os grupos humanos desenvolveram a criação de animais e a lavoura.

Pacheco, de forma relevante, afirma que, no passado o trabalho manual não tinha tanto valor quanto o trabalho intelectual, este bastava ser rico e ocioso aquele era desprezível e insignificante. Aristóteles afirmava: “a serventia do homem sem liberdade é análoga a do animal, as duas prestam serviços corporais suprimindo as precisões da vida”.

A autora, com brilho, expõe que a produção não faz do homem apenas uma mercadoria, ela produz o homem como uma mercadoria do homem, exatamente como um ser humano mental e fisicamente desumanizado: a imoralidade, a distorção, a brutalidade dos trabalhadores e dos capitalistas. Seu

produto é uma mercadoria consciente e autoconsciente, uma mercadoria humana (MARX, 200, p. 9193).

O texto, com particularidade, esclarece que o indivíduo, ou melhor, o trabalhador, por causa das circunstâncias históricas em que seu trabalho ocorre, não consegue realizar sua própria natureza, então isso significa que a existência e a natureza do trabalhador não podem coincidir, pela própria maneira em que sua existência é criada, por meio de uma obra estranha, é a negação efetiva de sua natureza. A filosofia de Marx é também uma filosofia da atividade humana prática sensível e tornou-se uma filosofia pragmática, uma filosofia baseada no conceito de trabalho, cujo objetivo é transformar fundamentalmente o presente estado de coisas e moldada como uma filosofia de ação.

O artigo, com eficiência, esclarece que, na visão de Marx, o trabalho permite que as pessoas enfrentem verdadeira e efetivamente aspectos do mundo do trabalho, por enquanto a crítica marxista de como o trabalho humano funciona em uma forma social definida, que se refere ao capitalista. Modo de produção, no qual o fenômeno do trabalho estrangeiro aparece como parte integrante dele. Funciona como um conceito universal que estabelece uma condição de um produto que tem valor de uso e é independente de qualquer formação social e econômica estabelecida, porém, qual é a forma ou modo como o valor de uso é criado e que pode determinar uma formação social.

O manuscrito, de forma objetiva, explana que, o trabalho representa uma atividade que por sua natureza é mediada pelas pessoas na forma como suas atividades de trabalho se estabelecem e buscam objetivos previamente planejados. A teoria ontológica do trabalho para Marx sustentava que o ser age e se distingue do animal, pois o homem deve, em última instância, objetivar-se pelo trabalho, distinguir-se e, em última instância, construir-se na história por meio das pessoas.

A obra, de maneira objetiva, corrobora que o trabalho continua sendo a base do desenvolvimento intelectual e racional do homem, pois na produção o homem se depara com as dificuldades que ele tenta resolver, e essa pesquisa o faz refletir sobre a prática de sua atividade, chegando assim ao lado intelectual. Os seres humanos não só criam objetos, mas também têm a capacidade de criar figuras maiores nas quais os elementos são enquadrados, há religião, moralidade, arte e ciência, estes vêm das necessidades humanas ao longo da história, são, portanto, métodos específicos da produção humana.

Pacheco, de forma relevante, certifica que Marx concentrou sua concepção do homem em torno do conceito de trabalho. Hegel afirma que o único trabalho que realmente importa é o trabalho da consciência, ou seja, o trabalho abstrato da mente. Foi Hegel quem deu à obra uma dimensão ontologicamente universal e, segundo ele, a obra foi o meio pelo qual o homem foi produzido. Assim, a proposta de Marx de libertar o homem da alienação do trabalho inverte a finalidade do trabalho para o homem: em vez de ser um

instrumento de edificação, ele se aliena e não contribui para sua autossuficiência.

A autora, com clareza, aduz que a força de trabalho está crescendo e a quantidade de dinheiro necessária para colocar essa produção crescente em circulação mudam constantemente. É interessante notar que com o aumento dos salários o seu resultado não muda, então essa quantidade de produção e produção nacional antes do aumento salarial é variável e não fixa como seria de se esperar, imagine, continua muito alta. E Marx disse: “Se a quantidade de salários é uma quantidade constante, ela não pode aumentar nem diminuir”.

O texto, com qualidade, ilustra que, os trabalhadores têm que se unir e lutar por salários mais altos. Em relação aos sistemas capitalistas de alguns países considerados desenvolvidos, Karl Marx em O capital afirma que “sem dúvida, a vontade do capitalista consiste em encher os bolsos tanto quanto possível.” O melhor. E o que devemos fazer não é abrandar a sua vontade, mas investigar o seu poder, os seus limites e o caráter desses limites.

O artigo, com eficácia, especifica que, as consequências da disparidade, nas taxas de retorno do capital, são as mesmas que nos campos de produção. Capital e trabalho passarão de setores de menor valor econômico para setores de maior valor, e o momento será quando a oferta e a demanda se estabilizarem. E essa mudança nos dois níveis de mercadoria, sua causa e seu efeito cessarão. A partir de então, o preço retornará ao antigo nível e equilíbrio.

O manuscrito, de forma prática, exemplifica que, um aumento nas taxas de lucro em alguns setores industriais e uma conseqüente diminuição nas taxas de lucro em outros setores levará a uma mudança significativa na distribuição de capital e trabalho, que durará até que a oferta ajustada pela demanda seja maior em alguns ramos. Indústria e menor demanda em outros setores. E o resultado de toda esta situação é que os salários em espécie dos trabalhadores continuam a aumentar, apesar da diminuição dos dias de trabalho.

A obra, de maneira coerente, informa que, ao mudar a base econômica, toda a imensa superestrutura construída sobre ela é revolucionada mais ou menos rapidamente. E assim como não podemos julgar os indivíduos pelo que são, pensamos, não podemos julgar esses tempos revolucionários por sua consciência. Mas, ao contrário, devemos explicar essa consciência com as contradições da vida material, com a contradição da existência entre as forças sociais de produção e as relações de produção. (Marx, 1999, p.52).

Soraia Coelho Pacheco, de maneira importante, diz que, olhando o trabalho por um novo ângulo, Marx viu no contexto dos pequenos interesses, notadamente no domínio da burguesia que pretendiam controlar, que criava obstáculos ao desenvolvimento da força de trabalho em quantidade de produção (trabalho humano e tecnologia). Eles fazem parte de todas as relações. Produção a estrutura econômica da sociedade, a superestrutura legal e política, todas são vistas como formas de consciência social.

Pacheco, de forma meritória, afirma que, os seres humanos, portanto, determinam a maneira como uma empresa produz, de acordo com suas necessidades, seus bens e serviços, e os usa e distribui. E a nova sociedade socialista proposta por Marx permite ao homem usufruir das vantagens e garantias sociais derivadas das forças produtivas: trabalhar com tecnologia avançada. No entanto, as forças produtivas desenvolvidas na sociedade burguesa também criam condições materiais para resolver este problema antagônico. Assim, com essa formação social, terminou o período pré-histórico da sociedade humana. (MARX, 1999, p. 53)

A autora, com transparência, aduz que, o preço de um produto é determinado pela quantidade total de trabalho que ele deve realizar, e apenas uma fração desse trabalho representa o valor pelo qual uma parte equivalente foi paga como salário; a outra parte do documento para o qual nenhum documento equivalente é devido. Em outras palavras, parte do trabalho foi paga; a outra parte funciona de graça. Quando o empresário vende seu produto, ele o faz pelo valor e, sem dúvida, deseja obter lucro. O trabalhador vende sua força de trabalho, cedendo poder de decisão ao capitalismo.

O texto, com particularidade, esclarece que, o valor da força de trabalho é determinado pelo valor dos bens necessários para produzir, desenvolver, manter e sustentar a força de trabalho. É sabido que o valor nada mais é do que o valor da mão de obra, em relação ao valor dos produtos necessários à sua sustentabilidade. O trabalhador não recebe seu salário antes de terminar seu trabalho, que, aliás, é o que ele devolve ao capitalismo.

O artigo, com eficiência, determina que, aqui estão dois resultados: o valor da força de trabalho tem significado mesmo quando as palavras "valor" e "preço" do trabalho devem ter significado, apenas parte do trabalho diário do trabalhador é remunerado; a outra parte não é remunerada e é esta que constitui a mais-valia ou o lucro e implica que todo o trabalho seja remunerado.

### **A Mais-Valia**

O manuscrito, de forma objetiva, define que, devido à exploração, o operário tem sua transformação em um ser humanizado em variados aspectos. Produzindo, fica alienado ao produto. Se não teve produção, não permitido modificação, ele é seu próprio espírito. Ficando a mais-valia dividida em três partes. A renda territorial, o juro e o lucro industrial ou comercial, mas o solo e o capital permitem aos seus possuidores obterem a sua parte correspondente na mais-valia que o empregador capitalista extorque.

A obra, de modo pertinente, informa que para o operário é uma questão de importância secundária que esta mais-valia, fruto de seu sobre trabalho, ou trabalho não remunerado, seja exclusivamente embolsada pelo empregador capitalista ou que este se veja obrigado a ceder parte a terceiros, com o nome de renda do solo, ou juro. Supõe-se que o empregador utiliza apenas capital

próprio e seja ele mesmo o proprietário do solo; neste caso, toda mais-valia irá parar no seu bolso. O trabalhador, portanto, está simplesmente, alienado. O ser humano é escravizado mentalmente e materialmente.

Pacheco, de forma relevante, assegura que, a mais-valia é a parte que não é repassada pelo trabalho executado pelo operário. Fetichismo da mercadoria é o evento fenomenal, socialmente e psicologicamente onde a produção é exposta para comercialização. No ponto de vista marxista, existe uma ilusão com finalidade de enganar que o trabalhador recebe pela produção o que realmente merece pelo seu esforço tanto físico ou psicológico.

### **Classes Sociais: Burguesia e Proletária**

A autora, com brilho, cita que, a classe alta, tem em sua composição os empresários que tem poder produção e os que precisam trabalhar para sobreviver que são os operários. Com tantas contradições dos criadores do sistema, deram origem as crises que prejudicam o capitalismo. Os comunistas tem função de deixar consciente o proletário de sua verdadeira posição perante as demais classes sociais, se organizando para fazer política revolucionária em busca do progresso. Os salários sobem e automaticamente o lucro é diminuído, afetando os preços dos produtos.

O texto, com propriedade, esclarece que, os elementos físicos, os de caráter histórico e social é a composição da mão de obra. Nunca existiu um limite na carga horária trabalhada pelo operário, a não ser, por manifestação dos detentores da mão de obra, fora do expediente, o poder legislativo resolveu intervir. O trabalhador é considerado uma mercadoria no sistema capitalista e Marx tarjou como força de trabalho. O trabalhador é usado, cosumido com a única exigência que trabalhe e submeta-se a regras impostas pelos poderosos.

### **Terceirização**

O artigo, com pujança, delibera que, inquestionáveis as discordâncias entre os operários com as maneiras como são conduzidos e organizados o trabalho e as terceirizações. Os produtos manufaturados lideram como meio, que beneficia os que têm o poder de produção desvalorizando o valor da mão de obra. A produtividade em áreas econômicas na atualidade é complementada com subjetividade cooperando ou até mesmo complementando.

### **Considerações Finais**

O manuscrito, de forma prática, expõe que, para Marx, o operário precisa trabalhar para dignificar sua existência, desenvolvendo e se capacitando, mesmo com tantas dificuldades devido à alienação existente no trabalho. Garantindo tão somente sua sobrevivência. Surgindo pela mão de obra executada através do trabalhador o sistema capitalista devida à alienação. Vencendo a alienação do trabalhador, é possível desenvolver e capacitar os

seres humanos resgatados do meio em que são explorados e tornando-os como objeto que se pode usar para mediar relações entre o homem e a natureza.

A obra, de maneira conexa, informa que o comprometimento do trabalho com uma base estrutural que domina e retarda o desenvolvimento da humanidade no âmbito social. Ocorrências históricas de enganos, no período socialista. O socialismo é conhecido como regime que tem como ideologia o princípio e fim, a humanidade o qual foi confundido com o “socialismo real”.

O artigo, com eficiência, define que, o trabalho dignifica e desenvolve plenamente a capacidade da humanidade em um sistema capitalista que tem como foco ideal a produção. A produção econômica domina e retarda o progresso do homem na terra. O trabalhador fica podado e limitado nas realizações plenas de suas atividades e a capacidades e seu potencial é comprometido, prejudicando a produção.

## Referências

COTRIM, Gilberto. Fundamentos da Filosofia. 2. Ed. São Paulo. Saraiva, 2013.

ENGELS, Friedrich. Princípios do Comunismo In: MARX, K. ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: Vozes, 2001. (Anexo). LESSA, Sérgio. Trabalho e Proletariado no Capitalismo Contemporâneo. São Paulo: Cortez, 2007.

GONÇALVES, Jonas Rodrigo. Como elaborar uma resenha de um artigo acadêmico ou científico. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**. Vol. 3, n. 7, p. 95–107, 2020. DOI: 10.5281/zenodo.3969652. Disponível em: <<http://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/41>>. Acesso em: 3 ago. 2021.

GONÇALVES, Jonas Rodrigo. Modelo de resenha de um artigo acadêmico ou científico. **Revista Processus Multidisciplinar**. Vol. 1, n. 2, p. 04-07, ago. 2020. Disponível em: <<http://periodicos.processus.com.br/index.php/multi/article/view/225>>. Acesso em: 03 ago. 2021.

LAKATOS. Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamento de Metodologia Científica. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LESSA, Sérgio. Trabalho e Proletariado no Capitalismo Contemporâneo. São Paulo: Cortez, 2007.

MARX, Carlos. El Capital: crítica de la economía política. Vol. 1. 7. Ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1973.



MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. Manifesto do partido comunista. São Paulo, Escrivam, 1968.

MARX, Karl. O 18 Brimário de Luís Bonaparte In: MARX, Karl; ENGELS, F. Textos. São Paulo: Alfa-Omega, s/d, Vol. III. MARX, Karl. Capital: a critique of political economy. Orlando: The Modern Library, s/d. MARX, Karl. Das Kapital: kritik der politischen ökonomie. Germany: Alfred Kröner Verlag Stuttgart, 1957. MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política. São Paulo: Civilização Brasileira, 2001.

MARX, Karl. O Capital, Vol. 1/1. 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política. Livro I. Vol. I. Trad. Reginaldo Sant'Anna. 27ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, F. A Ideologia Alemã (I – Feuerbach). 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1987.

PACHECO, Soraia Coelho. O Trabalho e a Alienação na Filosofia de Karl Marx. Souza EAD Revista Acadêmica Digital. Vol. n.1 Págs. 85-106, 2018.

SAKAMOTO, Bernardo Alfredo Mayta Filosofia política contemporânea /. São Luís: UemaNet, 2013.